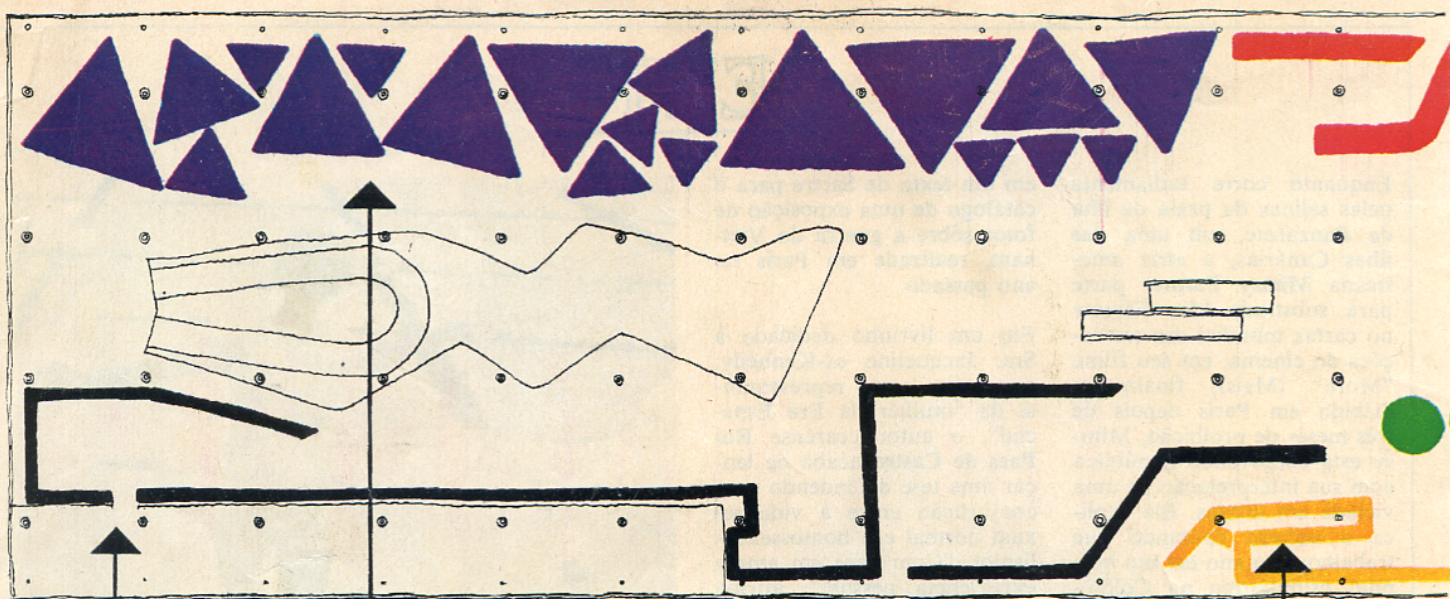
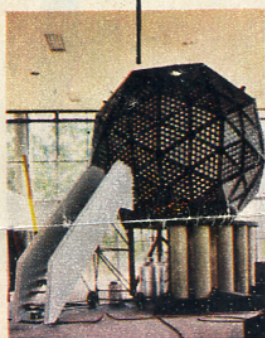




Desenhos 1



Ambientes 2



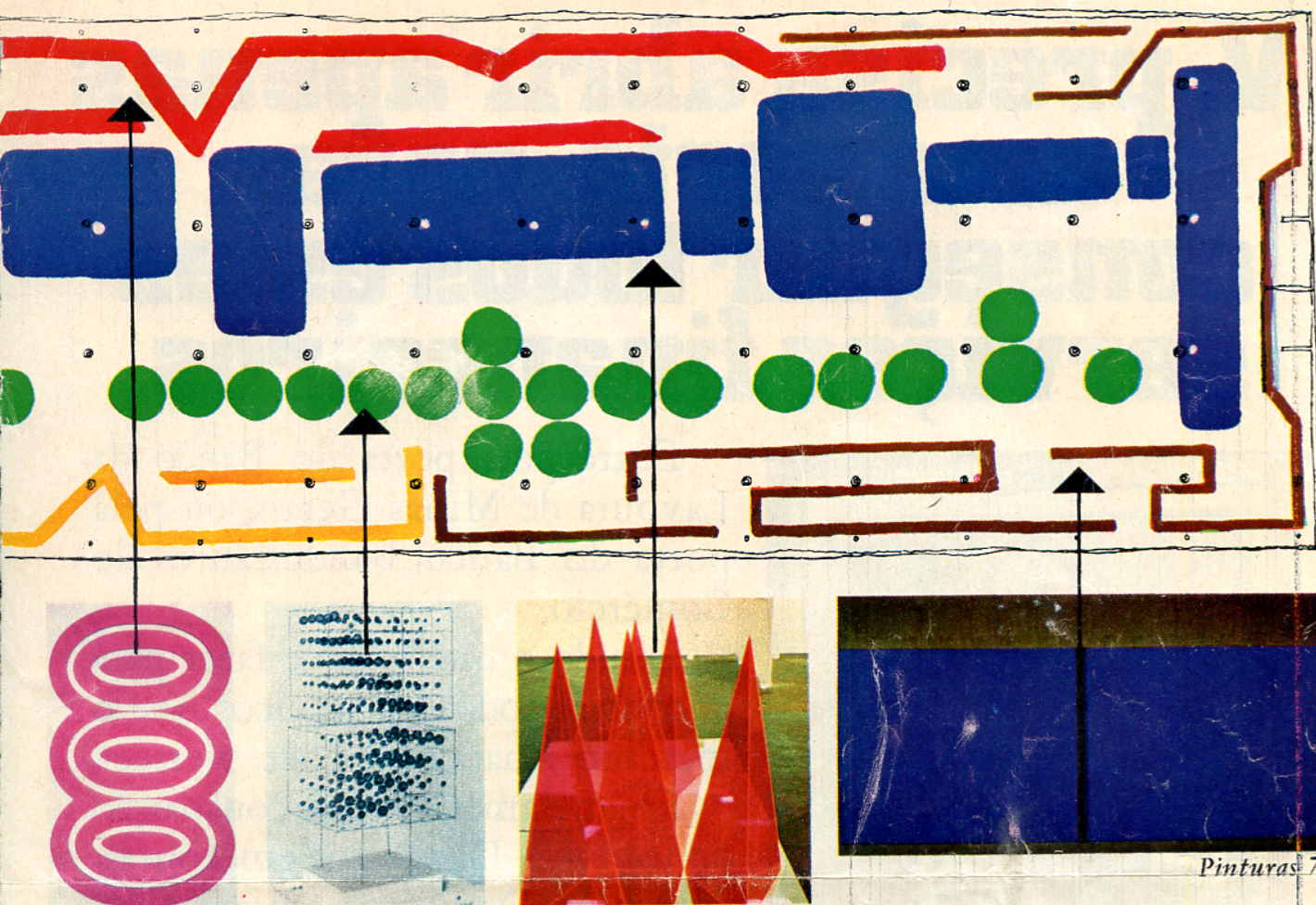
Gravuras 3

ARTE A NOVA BIENAL



Berkowitz (foto)
em busca
da reformulação

A arte de hoje é uma soma — dizem os responsáveis pelas correntes artísticas mais avançadas em todo o mundo. Com isto, querem explicar que uma obra de arte pode combinar tôdas as técnicas e tendências, do desenho à gravura e à pintura, do relêvo em madeira ou metal a objetos com som, luz e movimento. Para quem visita a X Bienal de São Paulo, não é fácil compreender êsse nôvo conceito. Lá a arte não é uma soma mas uma multiplicação de impressões confusas, divertidas e algumas vêzes irritantes. A separação da grande mostra em salas estanques para cada país deixa o público desorientado. Se na Áustria os desenhos a bico de pena de Adolf Frohner (foto 1) encontram alguma ligação com as gravuras tradicionais de Ernst Fuchs (foto 3), no pavilhão da Alemanha as delicadas esculturas de Günter Haese (foto 5) se chocam com as pesadas estruturas metálicas de Erich Hauser (VEJA n.º 56) ou com a pintura surrealista de Horst Antes (VEJA n.º 54). "Qual a solução para o problema?", perguntavam os críticos de 22 países que estiveram reunidos no



Relevos 4

Esculturas 5

Objetos 6

Pinturas 7

Ibirapuera durante dois dias, há duas semanas, tentando a reformulação das bienais de arte. "O mais certo e didático é reunir tudo por tendências, sem distinção de fronteiras geográficas", disse Lilian Somerville, da Inglaterra. Isto permitiria a comparação direta entre os desenhos de Frohner com outros mais inventivos, como os do polonês Andrzej Strumillo ou os da brasileira Isabel Pons. Também a gravura de Fucks poderia ser comparada com as inovações do brasileiro Roberto de Lamônica, que usa diversas matrizes e cores chapadas.

DA PINTURA AO "AMBIENTE" — A disposição racional de todas as formas de pintura existentes na Bienal — da nova-figuração do checo Frantisek Ronovsky ao abstracionismo do inglês John Hoyland (foto 7), da "Bovinocultura" do brasileiro Humberto Espíndola (VEJA n.º 55) à pintura em acrílico do japonês Mio Kozo (VEJA n.º 56) — prepararia o visitante para a compreensão dos relevos de parede, como os que faz a guatemalteca Margot Fanjul (foto 4). Aos poucos, os "relevos" foram ganhando volume até se libertarem da parede e

agora funcionam como as esculturas tradicionais, no meio da sala. São os chamados "objetos" (Hisao Ohara — foto 6 — prefere fazê-los sob a forma de pirâmides em acrílico transparente). Mas onde a preocupação da "soma" está mais evidente é na "arte ambiental": todas as técnicas e tendências se misturam e confundem em ambientes fechados. Se a gaúcha Ione Saldanha (VEJA n.º 55) constrói seu ambiente à base de bambus pintados, o suíço Francesco Mariotti (foto 2) introduz efeitos de luz, música e até odores variáveis numa esfera de aço e vidro.

O DILEMA DA CRÍTICA — Quando a reunião de críticos foi encerrada há duas semanas, Lilian Somerville ficou desapontada: sua proposta não teve aprovação, apesar de defendida também por outros críticos. Uma "recomendação" redigida pela mesa diretora dos trabalhos (presidida pelo brasileiro Marc Berkowitz) pode tornar a Bienal de 1971 ainda mais caótica do que esta X Bienal. Além das representações por países, é sugerida a criação de salas internacionais paralelas. "Por que essa pressão

contra a montagem sem distinção de nacionalidades?", perguntou Somerville. A mesa diretora deu uma explicação: "Não há outra maneira de garantir aos pequenos países a oportunidade de exporem sua produção artística". Se as representações forem postas em confronto, desenho por desenho, pintura por pintura, objeto por objeto, a Bienal terá o aspecto de uma coletiva desordenada e pode perder seu "gigantismo" (de vinte países na I Bienal, chegou a 61 na IX), porque as nações menos desenvolvidas não se sujeitarão a esse confronto. Há outra razão, mais grave: se o júri internacional de premiação tiver que escolher os artistas agrupados por tendências, sem distinção de nacionalidade, terá que se ocupar apenas com a qualidade das obras, sem levar em conta o costumeiro "critério geográfico" que tanto prejudicou a premiação da X Bienal (VEJA n.º 56). Enquanto persistir essa chamada "política artística" — vício comum a todas as bienais internacionais, seja a de Veneza, sejam as de São Paulo e Paris —, a Bienal de São Paulo não chegará a ser uma Nova Bienal: continuará a ser apenas mais uma Bienal.